

director:

carvalho

vieira

ninto

S.P.
20
1

S.P.
20
1

170



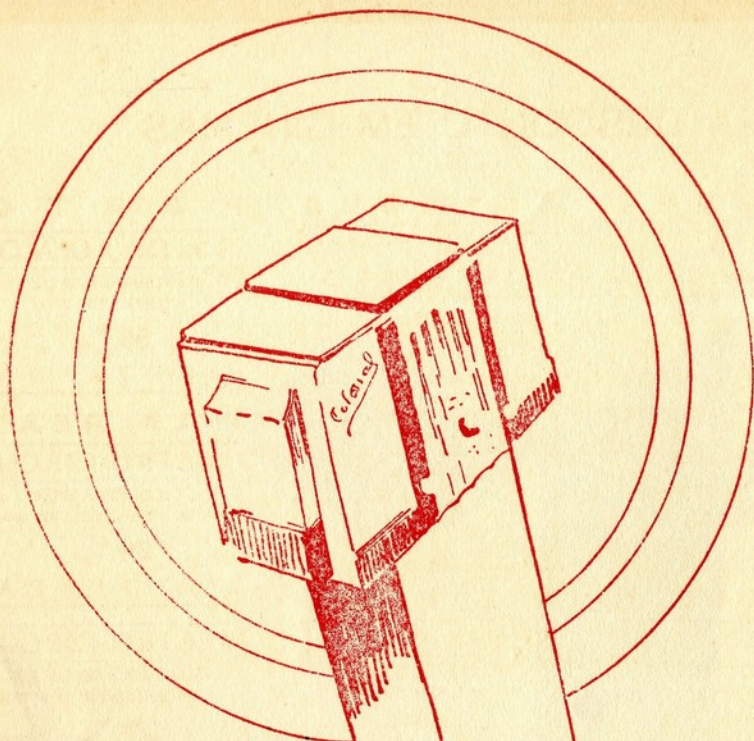
Movimento

revista de
cincenta

26

em escedo e cincoenta

COLOSSAL RADIO



**Um aparelho
pequeno que
é um grande
aparelho.**



Sociedade Comercial Luso Americana, L.^{da}

LISBOA—Rua da Prata, 145

PORTO—R. Sá da Bandeira, 393

MOVIMENTO

REVISTA DE CINEMA

SENHAS PARA DESCONTO EM CINEMAS

LISBOA

ODEON

QUALQUER MATINÉE ATÉ
15 DE SETEMBRO DE 1934

50 %

1 ENTRADA

CONDÉS

QUALQUER MATINÉE
(Excepto aos Domingos)
ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934

25 %

1 ENTRADA

OVAR

CINE-OVAR

MATINÉE DE 19 OU
26 DE AGOSTO DE 1934

50 %

1 ENTRADA

CINE-OVAR

MATINÉE DE 26 DE AGOSTO
OU 2 DE SETEMBRO DE 1934

50 %

1 ENTRADA

CONDEIXA

CINE-AVENIDA

SOIRÉE DE 19
OU 26 DE AGOSTO DE 1934

20 %

1 ENTRADA

Cruz Quebrada

CINE-PRAIA

QUALQUER ESPECTÁCULO
ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934

20 %

1 ENTRADA

COIMBRA

TIVOLI

MATINÉE DE 19
DE AGOSTO DE 1934

30 %

1 ENTRADA

TIVOLI

MATINÉE DE 26
DE AGOSTO DE 1934

30 %

1 ENTRADA

VIZEU

TEATRO VIRIATO

ESPECTÁCULO DE 23
DE AGOSTO DE 1934

20 %

1 ENTRADA

TEATRO VIRIATO

ESPECTÁCULO DE 30
DE AGOSTO DE 1934

20 %

1 ENTRADA

MORTÁGUA

TEATRO-CLUBE

QUALQUER ESPECTÁCULO
ATÉ 15 DE SETEMBRO DE 1934

20 %

1 ENTRADA

Figueira da Foz

TEATRO PENINSULAR

SOIRÉE DE 23 OU 30
DE AGOSTO DE 1934

30 %

1 ENTRADA

COIMBRA

TEATRO-AVENIDA

MATINÉE DE 19
DE AGOSTO DE 1934

30 %

1 ENTRADA

TEATRO-AVENIDA

MATINÉE DE 26
DE AGOSTO DE 1934

30 %

1 ENTRADA

ALGÉS

CINEMA KURSSAL

ESPECTÁCULO DE 22
DE AGOSTO DE 1934

50 %

1 ENTRADA

CINEMA KURSSAL

ESPECTÁCULO DE 29
DE AGOSTO DE 1934

50 %

1 ENTRADA

BEJA

TEATRO PAX-JÚLIA

ESPECTÁCULO DE 23
OU 30 DE AGOSTO DE 1934

20 %

1 ENTRADA

S. JOÃO DA MADEIRA

CINE TEATRO AVENIDA

ESPECTÁCULO DE 19
OU 26 DE AGOSTO DE 1934

30 % em Balcão
e 1.ª Plateia

1 ENTRADA

PORTO

SÃO JOÃO

MATINÉE DE 23 DE
AGOSTO DE 1934

50 %

1 ENTRADA

VILA REAL

TEATRO-CIRCO

QUALQUER SESSÃO
ATÉ 30 DE AGOSTO DE 1934

20 %

1 ENTRADA

TEATRO-CIRCO

QUALQUER SESSÃO ATÉ
15 DE SETEMBRO DE 1934

20 %

1 ENTRADA

FAMALICÃO

TEATRO OLIMPIA

QUALQUER SESSÃO ATÉ
15 DE SETEMBRO DE 1934

40 %

1 ENTRADA

PAMPILHOSA DO BOTÃO

EMP. CIN.ª PAMPILHOSENSE

ESPECTÁCULO DE 19
OU 26 DE AGOSTO DE 1934

10 % em 2.ª plateia

1 ENTRADA



MOVIMENTO

REVISTA DE CINEMA

NÚMERO 26 2.º ANO 15 DE AGÓSTO DE 1934

DIRECTOR
ARMANDO VIEIRA PINTO

EDITOR-ADMINISTRADOR
ARMANDO BARROS

PROPRIEDADE DE
ARMANDO & ARMANDO

PÓRTO RUA ELÍSIO DE MELO, 28 SALA 4

QUERE V. EX.^ª SORRIR ASSIM,
FELIZ DE POSSUIR UMA LINDA
PELE?

USE OS PRODUTOS DE BELEZA
RAINHA DA HÚNGRIA CUJA FAMA
É MUNDIAL

M.^{ME} CAMPOS, L.^{DA} Avenida da Liberdade, 35 LISBOA



VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA



OLHEM PARA ISTO.
PARECE PINTADO A

MURALINE

TINTA A ÁGUA

MÁRIO COSTA & C.^A, L.^{DA}-Rua do Almada, 30-1.º e 2.º-PÔRTO

TELEFONE, 2571

TOBIS

OR NOT TOBIS...

O sr. Roberto Nobre, cronista cinematográfico do «Diabo», publicou num dos últimos números daquele semanário um extenso artigo à cerca da orientação da Tobis, ao qual nos permitimos opôr alguns reparos. Intitulava-se «Tobis or not Tobis is the question», paródia do famoso «To be or not to be that is the question» do monólogo de Hamlet e que o mesmo senhor traduziu desta forma: «Ser ou não ser contra a Tobis—eis a questão».

Se bem que o assunto não nos parece absolutamente digno desta reminiscência shakespeareana, saboreamos-lhe devidamente o chiste, e, com toda a sinceridade, lamentamos que, achando-a engraçada, não possamos igualmente considerá-la justa. Dela se depreende a afirmação de que, à base de todas as discussões sobre a Tobis e a sua infeliz orientação artística e financeira, existe apenas uma razão de simpatia ou antipatia e que é só esta que motiva todas as discordâncias e os ataques que àquela Companhia teem sido dirigidos.

É possível que a Tobis sofra o embate de um exército de inimigos—isto é, de pessoas que a atacam pelo prazer de atacar, que se regozijam com os seus fracassos, que se mordem de inveja com os seus triunfos (admitidos por enquanto como simples hipótese) e cuja maior ambição seja a de a verem totalmente aniquilada.

É possível ainda que, por outro lado e com o mesmo facciosismo, tenha a Tobis a defendê-la um grupo de amigos, para quem tudo o que sai de lá—dos estúdios e do cérebro dos seus administradores—seja a maior das maravilhas ou a última palavra da sabedoria humana.

Se o Chiado se encontra assim dividido em dois grupos—o dos amigos que sistematicamente aplaudem e exal-

tam e o dos inimigos que sistematicamente censuram e deprimem—ambos por paixão, e portanto sem independência e sem sinceridade, a afirmação está talvez certa.

Mas,—esqueceu o cronista êste pequeno pormenor—o Chiado, apesar do seu brilhantismo, não é propriamente o País. Nem toda a gente vai, às cinco horas encostar-se a uma das suas esquinas ou sentar-se à mesa de um dos seus cafés, dizer pilherias, demolir com ditos de espírito o esforço alheio, decidir entre duas fumaradas do valor do próximo, numa palavra «dizer mal»—única coisa, salvo erro, que o Chiado sabe fazer bem. É costume dizer-se que Portugal é um país pequeno, mas será bom não exagerar, reduzindo-o àquele pequeno espaço que vai do Rocio ao Loreto, mesmo incluindo algumas ruas adjacentes. Para além desses limites existem, verdade seja, algumas pessoas que também pensam, também sabem o que querem, também teem opiniões—não sendo estas, de modo nenhum, determinadas pelas rivalidades, pelo mesmo espírito de emulação, pelo mesmo pendor para a maledicência sistemática que caracterizam a turbulência mental do Chiado.

Assim, para nós, que não temos poupado à Tobis as nossas censuras, a questão não está em ser ou não ser contra a Tobis. Para nós a questão está simplesmente em a Tobis ser ou não ser contra si própria—isto é, contra a sua finalidade e até contra os seus interesses. Afirmamos aqui repetidas vezes que a sua orientação artística e financeira foi má. Cometeu em primeiro lugar o erro de fazer um filme destinado apenas ao nosso público, o que lhe limitou consideravelmente o rendimento. Mas, admitindo o critério da Tobis, que era o de fazer cinema nacional só para portugueses, não a condenamos por ter escolhido a «Canção de Lisboa», mas porque, tendo-a esco-

lhido, a não soube realizar, pelo menos, decentemente. Que a Tobis fizesse um filme popular, para evitar «fracassos que afastassem da indústria nascente todo o financiamento para futuras produções», acharíamos bem, embora um filme desse género não nos interessasse pessoalmente. Mas fazer um filme popular tão deficiente, tão mediocre, que nem mesmo os amadores de espectáculos populares gostaram d'êlé, isto é, um filme que nem ao menos essa finalidade económica atingiu, eis o que nos parece condenável e digno das nossas censuras. Bem sabemos que há fracassos imprevistos. Mas com êste já a Tobis podia contar, desde que foi confiar a realização do seu primeiro filme a uma pessoa que, fôsse qual fôsse o seu valor pessoal, era, indiscutivelmente, nestas coisas de cinema, um inexperiente, não sendo, portanto, de admirar que a sua primeira produção tivesse resultado numa simples obra de amador, com todos os defeitos inerentes.

Atacamos, pois, a Tobis porque ela, no nosso entender, serviu mal o duplo fim artístico e comercial a que se destinava: fazer cinema nacional e ganhar dinheiro, porque ao pretender fazer cinema nacional fêz do pior que há e não logrou obter um êxito financeiro compensador.

Depois disso, por ocasião da publicação do seu Relatório e Contas, analisamos aqui a sua situação financeira, dissemos que esta era má, que a Companhia tinha sido organizada com capital insuficiente, com o que logo de entrada lhe comprometeram gravemente o futuro. Provamos isto com os próprios números extraídos do seu Balanço e fundamentamos o nosso parecer com razões que nos pareceram justas — e que o eram certamente porque não foram até hoje contestadas.

A isto se reduz o nosso ataque à Tobis — que não existiria se não existissem igualmente os factos a que nos referimos. Se a companhia se tivesse organizado em bases sólidas (ou apenas nas indispensáveis para poder viver), se ela tivesse escolhido embora, para o seu primeiro filme, um assunto popular e

com êle fizesse uma produção, pelo menos, razoável, que agradasse à média do público e nos desse a todos nós, a esperança de que alguma coisa de regular se começava a fazer em Portugal, se ela confiasse a realização dêsse filme a uma pessoa que já tivesse dado as suas provas, nós poderíamos discordar de um ou de outro ponto, mas não a atacaríamos — porque teríamos até o maior e o mais sincero prazer em a aplaudir. Nós só a não aplaudimos porque, infelizmente para todos, não temos tido motivos para o fazer.

E tanto assim é que neste momento a nossa posição perante a Tobis se encontra em parte modificada. Continuamos a considerar má a sua situação financeira, quere dizer, os nossos pontos de vista neste aspecto ficam inteiramente de pé. Mas verificamos algumas alterações na sua orientação artística, que merecem tôda a nossa simpatia e nos dão esperança de que a Tobis esteja a querer enveredar pelo bom caminho. Em primeiro lugar porque a Tobis, como aqui lhe aconselhamos há muito tempo, chamou para realizar o seu segundo filme Leitão de Barros, o realizador de «Maria do Mar» e da «Severa» em cuja competência e bom gosto muito confiamos. E em segundo lugar porque o assunto dêste novo filme, conquanto não o consideremos excelente, nos parece bem escolhido para agradar à maioria, tanto mais que estamos certos de que Leitão de Barros o saberá dosear convenientemente, apresentando uma produção que, desta vez, não há-de envergonhar a Tobis.

Já vê o sr. Roberto Nobre que nós não pertencemos à categoria dos que são contra ou a favor da Tobis, mas sim dos que são contra ou a favor daquilo que a Tobis faz, consoante seja mal ou bem feito.

Teremos o maior prazer em elogiar a Tobis, creia! Simplesmente, para isso, é necessário e suficiente — que ela o mereça.

Vasco Rodrigues



pensem à direita, pensem à esquerda, como fazem os nossos amigos chineses nas emergências graves da vida.

Aqui tem a *ingénua* que lhes falta: fina e gentil, graciosa, alegre e doce, com um bocadinho de amargura, um bocadinho de *sex-appeal* e um bocadinho de perversidade.

Senhores produtores de filmes portugueses: aqui fica a ideia.

E você, Maria Lalande, modifique a impressão que tem a nosso respeito:

As nossas gargalhadas são um pouco extemporâneas, mas somos bons rapazes e sabemos ver o valor de quem o tem...

Senhores produtores de filmes portugueses: porque não aproveitaram, ainda, esta linda rapariga?

Reparem nela com atenção. Vejam os seus grandes olhos, como dois lagos verdes, vejam sua graça, sua gentileza, sua elegância quebradiça e fina.

Reparem na impertinência do seu nariz arrebitado, na doçura do seu lindo sorriso, e num certo ar de angústia vaga que paira no seu rosto.

Tudo isto ficava muito bem num filme, tenham a certeza. Pensem à frente, pensem atrás,



O ÚLTIMO FILME DE RODOLFO VALENTINO

Há tempos já, uma leitora assídua do nosso «Movimento» lamentou em carta escrita ao Amok o ter eu citado num artigo o nome de Rodolfo Valentino.

Parece que a referência em questão suscitou reparos à nossa gentil leitora, por julgar talvez de mau gosto falar de êsse desaparecido astro da tela muda.

O nosso director veio à chamada defendendo a memória de Rodolfo e citando com argumentos convincentes a sinceridade de muitos milhares de adeptos do famigerado Rudy.

Eu não sei se os leitores se lembram de êste episódio, mas caso tenham interesse podem folhear os n.ºs 2 e 4, onde ficou registado o acontecimento aliás vulgar e nada de espantoso.

De espantar será, porém, o só agora eu ter vindo a terreiro para tecer à volta de êste caso na aparência banal mas no fundo bem sintomático, algumas considerações.

Todavia perguntar-se-á: banal, porquê? Sintomático, porque razão?

Ora ouçam que vale a pena.

A banalidade surge neste assunto ligada ao próprio actor, pois êste como simples pessoa mortal nada nos deve interessar, a não ser que façamos da sua vida íntima o estalão para o estudo das personagens que interpreta, — critério êste, porém, pouco propício a dar-nos a realidade histriónica do seu trabalho cinematográfico.

Sintomático, porque na ideia que nos pode sugerir um ser humano para além da morte, a lembrança de êsse mesmo ser, reavivada na memória dos vivos, marca no meio o nível da sua actuação. Sintomático ainda, porque hoje mercê do salto enorme do progresso (pois já ouviram falar no sexo 33?) tem-se mais dificuldade em julgar no tempo. Pois nunca se poderá julgar um homem do século XV à luz do século XX. Eis o caso de Rodolfo — hoje esquecido e mal julgado pela nossa gentil leitora.

No entanto, Rodolfo Valentino, cuja vida foi tão curta como uma sessão de cinema, que teve a admiração apaixonada das mulheres de todo o mundo e cuja morte ainda, qual a melhor das suas criações, fôra um cartaz berrante de película, tornou (aqui há anos) de novo a preocupar a atenção, despertando interesse.

Os leitores sabem que depois do seu desaparecimento na tela do écran de esta vida, surgiram livros e páginas evocadoras. Escreveu-se muito a respeito de Rodolfo. Porém, a página mais viva, aquela que

na sua simplicidade nos deixa fortemente impressionados, verdadeiro «de profundis» — chamemos-lhe assim — deve-se àquela que foi sua espôsa e artista como êle — Natacha Rambowa. Depois houve o silêncio. Todavia, há uns sete anos o nome de Rudy — como Natacha lhe chamava — tornou a surgir. As causas do crime de que se dizia ter sido vítima o grande «az» correram de bôca em bôca nos meios cinematográficos da Itália e da América. E o cenário apareceu como uma reconstrução: um *cabaret* elegante do Braadway.

Numa das mesas uma rapariga, beleza americana de revista ilustrada, conversa com certos indivíduos que alia à sua alta finança, a celebridade rendosa de empresário arrojado; é um rei de Hollywood cu los Angeles. Ela, a companheira de mesa, adoradora vehemente de Rodolfo — conhecida como tal e desprezada por êle — não oculta, nos movimentos nervosos o ciume que a estada de Valentino lhe causa, tão próximo dela está, conversando e rindo com uma rival. O empresário rotundo, brasa de charuto a arder no canto da bôca, pensa nas propostas que fizera para que o actor viesse com a sua arte mágica. Se algum novo Fausto, posar diante das objectivas das suas máquinas, viver as criações de argumentos reservados e pagos a peso de ouro. Mas a glória, tôda a fortuna oferecida pelo magnate, Rodolfo desprezava também. E ambos com a mesma ideia a martelar-lhe o pensamento, o mesmo rancor a subir-lhe aos nervos, calados, como adivinhando-se um ao outro, levantam-se e saem.

E' nesta altura que aparece o *observador* que rugue em tôda a parte, a seguir-lhes os passos até na rua. O *observador* conseguiu ouvir: «O processo índio é infalível, diamante moído no vinho e pronto».

Foram êstes rumores que correram e alarmaram há uns sete anos os grandes centros cinematográficos, rumores êsses assegurados pela narrativa do *observador* que mais não era que uma mulher velando sempre pela sorte de Rodolfo, presenciando tudo, protectora ignorada pelo heroi.

De forma que, gentil leitora do «Movimento» à roda de Rodolfo envolto já no domínio da lenda, criou-se para além da vida mais um filme, um filme em que a morte o envolveu como se fôsse uma das muitas mulheres ávida também dos abraços dêle.

Alexandre de Médicis

UMA CONVERSA COM JÚLIO DINIZ

A MANEIRA DOS 4 IRMÃOS MARX

Desde que Leitão de Barros começou a dar à manivela para o seu novo filme «As Pupilas do Senhor Reitor», nós sentimos cá dentro, agarrado à fibra das tentações, o forte desejo de entrevistar o bom Júlio Diniz que, emfim, lá por estar morto e enterrado, não deixa de entrar na dança como pessoa responsável e de primeiro plano.

Ora a dificuldade residia precisamente no facto de o autor das «Pupilas» estar com os anjinhos e, portanto inacessível.

Como diabo resolver então um caso assim bicudo?

Sem esperanças fomos ainda tentar quebrar o silêncio de bronze do «velho» Júlio Diniz que, há meia dúzia de anos, desafia o frio, a chuva, o catarro e a pneumoniazinha dupla, ali, de peito ao léu, em frente à Faculdade de Medicina.

Com boas maneiras falamos-lhes cá de baixo, dando às nossas palavras o tom submisso e respeitoso que se deve aos homens ilustres e passados à posteridade. Chamamos por êle repetidas vezes, imploramos uma palavrinha, uma só ao menos, mas o nosso homem, imperturbável e sereno no seu poleiro de pedra, não tugiú nem mugiu.

As coisas começavam a correr-nos mal. Que fazer, agora? Desistir dos nossos intentos? Isso não podia ser. Pensamos em consultar uma bruxa. O Médico opôs-se. As bruxas estão muito por baixo, e êle não admite brincadeiras com coisas sérias. Pensamos, inútilmente, durante dias...

De súbito, uma ideia luminosa apareceu-nos como tábuas de salvação. E se nós fôssemos à Agência Cook? Pois se a Agência Cook fornece bilhetes para tôdas as partes do mundo, porque não havia de fornecê-los para o outro mundo?

Fomos. Atendeu-nos um empregado excepcionalmente amável e que nos sossegou imediatamente. Sim, senhor, forneciam bilhetes. A dificuldade estava em que não havia bilhetes de ida e volta, como nós queríamos. Declaramos-lhe que não faziamos questão de preço e que se tratava de um caso grave.

Em face da nossa insistência êle prometeu-nos envidar todos os esforços para nos satisfazer, mas

foi-nos declarando que teria de consultar telefonicamente o «Bureau des Affaires Terrestres» do país onde nos pretendíamos dirigir porque sabia ser precisamente dali que viriam as maiores dificuldades.

Depois de uma longa conversa telefónica, declarou-nos:

— Bom. Podem conseguir-se os bilhetes, mas os senhores vão comprometer-se a nada revelarem da constituição política e social do país onde vão excursionar.

Prometemos solenemente e saímos, munidos dos ambicionados bilhetes.

A questão do meio de transporte foi também um problema intrincadíssimo.

Pensamos, primeiro em pedir à D. Amélia Rey Colaço se nos emprestava a padiola em que passeia, tôdas as noites, às costas de dois pretos. Essa hipótese, porém, foi logo posta de lado. Se a D. Amélia tem aquele trabalho todo para caber na padiola, como diabo íamos nós caber lá todos?

Estivemos novamente em riscos de desistir. Pedimos informações a policcias, procuramos no *Larousse*, interrogámos a mesa de três pés, deitámos as cartas, e nada!

Por fim, o Fernando Barros, que anda sempre na lua, alvitrou: e se fôssemos de nuvem?

A proposta foi aceite por aclamação. Arranjámos uma nuvem em segunda mão, instalamos-lhe travões às quatro rodas, aquecimento central, autoclismo e todo o conforto moderno, e, numa bela manhã, lá partimos.

Arribamos ao outro mundo depois de uma rápida e agradabilíssima viagem, em que entretivemos os ócios lendo o prospeto de propaganda do Reino dos Céus que nos tinham dado na Agência Cook e que fazia menção dos monumentos, hotéis, horários de comboios, pontos de vista, zonas de jôgo e turismo, etc.

À hora matinal a que chegamos, as portas ainda estavam fechadas e o caixote do lixo por despejar.

Resolutos, batemos: Truz! Truz! Truz!

Ouviu-se um arrastar de cadeiras e lá de dentro, S. Pedro rosnou, numa voz de baixo profundo que lhe criaram os neveiros e as noites mal dormidas:

— *Quod est bestium quid encomodit me ad talis matinalis horibus?*

Como falou em latim fingimos não perceber a amabilidade, e, dirigindo-nos ao velho Santo que nos apareceu ao postigo, ainda em pijama e de chinelos de liga, explicamos ao que vínhamos.

«Hum!... rosnou S. Pedro torcendo o nariz. Aqui não se entra assim, meus caros senhores. Só



com bilhete de convite ou recomendação especial. Passem muito bem. De resto isto não são horas para visitar ninguém! ».

Ao vê-lo disposto a fechar-nos a porta, o Armando, com aquele génio impulsivo que lhe ficou de pequenino, deu um pulo, meio disposto a ir às sagradas ventas do Sujeito, Mas o Vasco Rodrigues, conciliador, meteu-se entre ambos e parou com a diplomacia que o caso requeria. Muito instado, o Porteiro cedeu passo e já mais brandamente mandou-nos entrar para a sala de espera: « Bom, já que os senhores são jornalistas, vou falar ao Patrão. Talvez êle consinta... ».

Momentos volvidos voltava S. Pedro acompanhado dum querubim:

— « Podem passar, disse-nos. Êste groom acompanhá-los-á. O sr. Júlio Diniz anda por ai perto. Têm livre trânsito mas escusado será recomendar-lhes que não é permitido cortar flores, pisar os canteiros ou dizer galanteios às meninas. E não se esqueçam que são novecentas indulgências de multa! »

Iamos a sair em seguimento do querubim que partira à frente para nos indicar o caminho, quando S. Pedro, chegando à porta nos chamou novamente.

— Esquecia-me preveni-los de que não podem fazer fotografias aqui. O Chico Viana, encrespado e tímido ao mesmo tempo, interrogou:

— Que me dizes ?

— Isto, menino. Se fazes fotografias mandamos-te apreender o aparelho. A concessão das fotografias, no território do nosso país está dada, a um tal sr. Alvão, seu colega lá de baixo. Tenho pena mas é assim mesmo...

Guiados pelo querubim lá fomos através do Paraíso. A-pesar-da hora matutina o movimento já era grande e não foi sem dificuldade que encontramos por fim Júlio Diniz, em camisa de dormir, todo afogueado, jogando ao dá-me lume com Nuno Álvares Pereira e uma das onze mil virgens que agregara ao rancho.

Dirigimo-nos ao escritor e c'issemos-lhe ao que

vinhamos. Muito amável, Júlio Diniz apresentou-nos aos seus companheiros da celestial pândega e todos em roda, muito à vontade, estendidos na relva, fomos conversando abrigados pela fresca sombra das árvores em cujos ramos os anjinhos saltitavam ou cantavam em cântico todos satisfeitos da sua vida...

Júlio Diniz, risonho e bem disposto, não precisou do interrogatório a que tínhamos pensado submetê-lo. Começou por lamentar ter sido obrigado a « bater a bota » antes de lhe ter sido dado o prazer de conhecer o cinema. Mas mostrou-se interessado pela arte das imagens. Disse-nos mesmo que era amigo pessoal de Max Linder e de Rudolfo Valentino e que tinha sincera pena de não poder conviver com Lia de Putti que conhecera durante a sua estadia no Purgatório...

O Condestável mandou servir um aperitivo. O Alves Costa ofereceu cigarros ingleses. A virgem prodigalizou sorrisos. E os anjinhos fugiram...

— Mas diga-nos, sr. Júlio Diniz, que lhe parece essa resolução da Tobis em filmar o seu romance?

— Parece-me bem. De resto já não é esta a primeira vez que uma das minhas obras tenta os realizadores portugueses. Olhem que de sucesso comparável ao que alcançou « Os Fidalgos da Casa Mourisca », com o velho Pato Moniz que também já para cá veio morar, poucas fitas se podem gabar. Aqui entre nós e modéstia à parte, eu sou o que lá na Terra se chama um « grande cartaz ». E a Tobis vai servir-se do meu nome e da minha popularidade para encher a barriguinha. Isto sem desprimor para o sr. Leitão de Barros. O António Duarte, que encontrei há dias, contou-me que o Leitão é tipo sabedor e que nada devo recear. Deve fazer obra asseada... dentro das possibilidades. Só uma coisa me desgosta. Disseram-me que não sei quem, queria que a acção do filme se passasse em Ovar. Ora os cavalheiros estão doidos, positivamente. Ou não leram o meu romance com atenção. Eu dei bem a entender que a história da Clara e da Margarida dos Maiadas se passava numa pequenina aldeia minhota. De resto,

no fim do XXIV capítulo (para não citar mais) eu falo lá no Minho escarrapachadamente e com tôdas as letras. Acho muito bem e até muito recomendável que não sigam à risca o meu romance e que lhe tirem o ar lamecha que tem e que já não é do vosso tempo. Mas lá que a acção se passe em Ovar, não. Com isso não concordo. E se não respeitam as vontades dum morto, tomo a coisa a mal.

Há outra coisa que não me parece muito bem, mas elles lá sabem. Para fazer o papel de Joana, a criada do velho médico da aldeia, foi escolhida Maria Matos. Para desempenhar o papel da mulher do boticário da Esquina foi escolhida a Adeline Abranches. Tanto uma como a outra são grandes artistas bem capazes dum trabalho à altura do nome que criaram com muitos anos de gloriosa vida de teatro. Mas tenho a impressão — e talvez me engane — que estão trocadas. Eu cá, punha a Adeline noutro papel... mas há falta de melhor acho que estaria mais bem talhada para interpretar o papel de Joana; por sua vez parece-me que a Maria Matos ficava a matar no papel da mulher do João da Esquina».

Como se aproximava a hora do almôço, demos por finda a nossa palestra.

Íamos a despedir-nos, quando D. Nuno, que há muito dava mostras de impaciência, se dirigiu ao Vasco Rodrigues, nos seguintes termos:

— O meu amigo faz-me um favor?

O Vasco engasgou-se e disse apenas, simplesmente, esquecendo a quem falava:

— Ora essa! O sr. Pereira manda...

— Muito bem. Então diga a um tal sr. Dantas que lá essa coisa de pôr na *Pátria Portuguesa* que eu, na noite do casamento, deixei a noiva para ir às guerras lhe há-de sair caro. Insultos não! Isso a ninguém!

Tremia de indignação o simpático velhinho e foi preciso que o bom Júlio Diniz viesse apasiguá-lo:

— Deixa lá, Nuno! Intrigas dos democráticos!

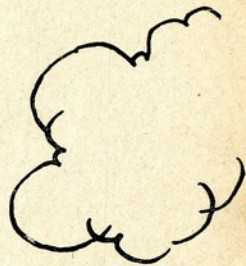
E depois, ao nosso ouvido:

— Vocês desculpem não os convidar para almoçar comigo. mas aqui come-se muito mal. Peixe não há... ou o que cá chega já vem pôdre; a carne é proibida porque é um dos inimigos do homem... E como esta gente tem a mania dos jejuns e vocês não estão habituados...

Abraçamo-nos. S. Pedro despediu-se de nós, todo em sorrisos, desejando-nos feliz viagem. E já quando embarcávamos numa nuvem, novinha em folha, que fôra posta à nossa inteira disposição pelo Governo Celeste, apareceu-nos a Rainha Santa Isabel com um lindo ramo de flores, oferta e homenagem das senhoras da melhor sociedade do Paraíso.

Partimos com as lágrimas nos olhos, prometendo voltar. E ao pôr do sol dêsse mesmo dia chegávamos à Terra e escreviamos o que se lêu.

Alves Costa
e
Vieira Pinto



PROTESTO

CONTRA OS CORTES NOS FILMES

Ao contrário do que se sucede com muita gente, para quem a oposição e o protesto são grandes prazeres, prefiro concordar e aplaudir, tendo, não poucas vezes, travado primeiros impetos de revolta, aceitando (embora a custo) certas maneiras de pensar ou de proceder, e esforçando-me até por encontrar as razões que possam justificar atitudes alheias, opostas às que, nas mesmas condições, seriam as minhas.

Este feito *passa-culpas* e este espírito de tolerância não significam, da minha parte, falta de firmeza nas convicções, mas a inteligência clara da variedade e da imperfeição humanas, que levam necessariamente à diversidade e à imperfeição dos critérios, dos gostos e das opiniões.

Assim — repito — sou pouco dado ao dogmatismo em qualquer campo, e não me custa aceitar que para outro seja excelente o que julgo apenas sofrível ou nitidamente péssimo.

Este modo de pensar, e esta norma de conduta que para mim adoptei, não obrigam, contudo, ao exclusivismo de aceitar ou admitir quantas divergências surjam entre as minhas opiniões e as alheias; porque, se de um modo geral, defendo e pratico a tolerância, momentos há em que ela se me apresenta como impossível e criminosa. Seria o caso de deixar sem protesto factos recentemente passados na exploração cinematográfica em Portugal e que, dado o silêncio e a impunidade com que até hoje foram acobertados, ameaçam tornar-se em exemplos de que se abusará no futuro, quando é dever de todos nós exigir que se limitem a ser pretéritas e lamentáveis *excepções*, praticadas por alguém menos criterioso... e menos escrupuloso.

Mas... vamos a factos, pois de prólogos e divagações já temos que basta.

Indivíduos a sôldo de empresas distribuïdoras ou exhibidoras (não me interessa *por enquanto* sabê-lo) tem-se permitido, pelas mais disparatadas razões e com uma frequência que confrange e revolta, cortar, truncar e alterar filmes, com um desprezo absoluto pela obra alheia e pelo público que lhes enche os cofres e que tem o direito de protestar, sentindo-se ludibriado.

Pois bem ludibriado tem sido...

Nos cinemas de reexibições da capital apresentaram-lhe êsse filme admirável que é *Eu sou um evadido*, desfalcado de uma dezena de metros — o suficiente para lhe alterar completamente o sentido, tornando-o, de obra forte, séria e socialmente valiosa, em *romanceco* de amor que termina num beijo.

Ludibriado foi também êsse ingénuo e paciente público quando, há menos de um mês, lhe ofereceram num cinema do Pôrto, dois filmes de fundo na mesma sessão, sem aumento de preço.

— «Ótimo! exclamou. — Voltamos aos bons tempos antigos: duas *fitas* no mesmo programa!»

Simplesmente... ignorava êsse povinho que alguém reduzira em várias centenas de metros os *pitéus* que lhe serviram: *O Homem do Automóvel*, de Jean Epstein, e *O Reizinho*, de Julien Duvivier.

O povinho saiu muito triste porque havia nessas *fitas* pontos obscuros que a sua inteligência não compreendia. E logo ali decidiu que o Epstein e o Duvivier eram dois senhores muito complicados, exquisitos, sem geito nenhum para *aquilo*.

Alguns, mais versados, mais embrenhados nestas coisas, recordaram o Epstein de *Pescadores de Sargaços*, e de *A Queda da Casa Usher*, lamentando a sua decadência; mas, ingénuos e de boa fé, só a essa decadência atribuíram a culpa que ao autor dos cortes cabia em maior parte.

Duvivier foi, também, acusado de *infeliz*, pois em *O Reizinho* eram evidentes certas faltas de seqüência, certas quebras de ritmo, indesculpáveis num realizador que tem sido justamente considerado entre os melhores. E não faltou, por certo, algum mais ousado que, por estas razões suspeitasse, duvidando, do valor de quem já fez *Poil de Carotte* e *O preço de uma vida*...

Êstes exemplos, escolhidos de muitos que poderia apontar, bem mostram a gravidade que tão condenável prática representa para o bom nome do cinema e dos que para êle honestamente frabalham. E se tomei e revelei êstes três casos apenas é porque são os que melhor servem para frisar a audácia daqueles que usam a tesoura, a ganância e o mau gosto para satisfazer imediata e momentaneamente o seu espírito mercantilista, que julgam incompatível com o sentido artístico e com a honestidade.

Mas talvez não seja mau lembrar a êsses senhores, que a sua incompetência é flagrante e que os seus actos são condenados, consciente ou inconscientemente, pelo público; e ainda que na legislação portuguesa existem disposições que defendem a propriedade artística e bastam para fazer passar maus bocados a quem tão levemente procede.

Alexandre Serpa.

Sr. Juliano Ribeiro

Meu caro senhor:

Conheço-o apenas de vista, e confesso-lhe que não se me torna antipático nenhum dos banalíssimos detalhes da sua pessoa banal: nem os seus óculos de aro dourado, nem o seu cabelo de um louro triste, nem o seu ar entre ocupado e indolente, nada. O senhor não é suficientemente belo para que eu lhe tenha inveja, nem suficientemente grande para que me ensombre.

Intelectualmente, dizem-me que não é tolo de todo e que tem lido certas coisas.

Não ponho em dúvida as suas faculdades de trabalho. O senhor tem mesmo todo o tipo de bom empregado de escritório: aplicado, fiel, laborioso e metódico, pontual às horas de entrada, arrumadinho e limpo, de boa caligrafia e boas contas.

Mas o senhor trocou a sua vocação: quiz ser crítico e reporter e não conseguiu ser uma coisa nem a outra.

Não insista, digo-lho eu que nem sou seu amigo nem seu inimigo e sou, portanto, perfeitamente insuspeito.

Ora repare. Como reporter chama o senhor a um simples incêndio, «*Chaga aberta no peito da cidade*»; passa uma coluna a elogiar a sua própria reportagem, o que é deselegante; narra, com grande cópia de interjeições, as suas atribuladas aventuras nos telhados, o que é ridículo; ouve gritos que não existem, o que pode ser indicio de grave doença do cérebro ou dos nervos; ignora factos que todos os seus colegas relatam, o que representa, suponho eu, um cumprimento incompleto do dever de todo o reporter que se presa; e, finalmente, escreve a sua prosa trágico-lírica numa alambicada linguagem de «*Secretário dos Amantes*» o que pode ser muito bom para escrever cartas amorosas a criadas de servir, mas é péssimo para escrever reportagens «*à frisson*», como o senhor pretende.

Se não arripia caminho, mal lhe vai a coisa, meu caro senhor.

Como crítico, então, a coisa é mais triste e é mais grave ainda.

Tenho na minha frente duas críticas suas a filmes.

A primeira foi publicada a 21 de Novembro do ano passado e refere-se à «*Canção de Lisboa*»; a segunda foi publicada no dia 10 do corrente mez e refere-se a «*Gado Bravo*».

Não pode chamar-me desleal. Comparo uma com a outra as suas criticas (?) a dois filmes portugueses, igualmente merecedores, portanto, do seu interesse, do seu carinho e da sua justiça.

Ora vamos ver o que o senhor fez. Para sua vergonha e seu arrependimento, sr. Juliano Ribeiro, aqui se transcrevem dois periodos da primeira critica de que lhe falei:

«*Se quizessemos filiar num «género» este filme — o nosso filme — em obediência ao nosso ruim sistema de tudo etiquetar, teríamos de o classificar entre o que de melhor nos deu René Clair. E, mais adiante, outro em que o senhor se refere à bulha entre o Quincas — um quintanista de medicina, demasiado rufião para médico e demasiado «fino» para rufião — e do Vasco, atreve-se o senhor a escrever:*

«*O realisador, aqui, venceu o artista de «Tumultes». Lembra-se? Lembra-se da máscara de Charles Boyer? E desse fogo de artifício que esconde um crime? Em «Canção de Lisboa» a técnica é superior, a visão mais humana.*

Pois o senhor atreve-se, sr. Juliano Ribeiro, a falar em René Clair a propósito da «*Canção de Lisboa*»? Pois o senhor ignora, sr. Juliano Ribeiro, que o filme da Tobis é o pior filme portuguez que se produziu, depois do advento do sonoro e que os filmes de René Clair — «*14 Juillet*», «*Sous les toits de Paris*», «*Vive la Liberté*», «*Le Million*» — são do melhor que existe em todo o mundo?

Pois o senhor atreve-se, sr. Juliano Ribeiro, a falar em Charles Boyer a propósito do Vasco Santana? Pois o senhor não tem vergonha de comparar os quatro murros a fingir de dois pobres diabos que se arrancam por causa do mangerico de uma costureirinha cabeça-no-ar, com o drama que representa um homem que mata outro para guardar a amante, sabendo que ela o engana, o ridicularisa, o perde, mas amando-a assim mesmo com todas as forças do seu corpo e da sua alma, para além da liberdade, da vergonha, da dignidade e da morte?

Ora bolas, sr. Juliano Ribeiro!

Muito podia dizer-lhe ainda sobre esta célebre critica em que o senhor por cada cem palavras escreveu duzentas asneiras. Mas não quero.

De resto, mais adiante o senhor justifica-se a si próprio, afirmando:

«*Imperfeições? Sim, deve tê-las. Confessamos lialmente que não demos por elas. Também — outra confissão! — a nossa técnica não vai longe! E aqui está como o senhor se desculpa, com duas confissões ingénuas, de todas as tolices que dissera acima.*

Vamos agora, num instantinho que se faz tarde, à sua critica de «*GADO BRAVO*». Mas não esqueçamos que o senhor afirma que não vai longe a sua técnica e afirma, ainda, não ser capaz de notar as imperfeições de um filme.

Vamos, desde já transcrever bocadinhos — autênticos bocadinhos de oiro — da sua prosa inspirada.

«*Com esplendida fotografia, excelente técnica*»...

«*Diálogos fracos*»

«*De Nita Brandão, que tem uma voz linda, bem portuguesa e bem audível...*»

«*Sonorisação aceitável*»

Ora bem. Quere agora saber a verdade sobre estes quatro periodos? Então ai vai.

A verdade sobre a técnica é que o senhor, fazendo minhas as suas próprias palavras — não vai longe nesse campo. A verdade sobre os diálogos, é que eles são óptimos dentro da boa regra cinematográfica: concisos, curtos, claros, necessários e suficientes. A verdade sobre Nita Brandão, é que o seu unico defeito grande, o maior de todos, pelo menos, é exactamente a voz. Mesmo eu sempre gostava que o senhor me dissesse a que é que chama uma voz bem portuguesa... E, finalmente, a verdade sobre a tal sonorisação que o senhor acha aceitável, é que nem é sonorisação, nem é aceitável. Antes pelo contrário: é o ponto fraco do filme.

E agora, para acabar, a verdade sobre si, sr. Juliano Ribeiro, é que, se o senhor se não deixa de fazer criticas a filmes, vai ser uma pandega rasgada entre nós dois, na próxima época.

Armando Vieira Pinto

CINEMA, ARTE DOS NOVOS

Este artigo é teu, rapariguinha frágil que há dias encontrei sem que tu me encontrasses, tua pasta de livros debaixo do braço, teus olhos cheios de sol, tua boina à banda, teu sorriso aberto e teu passinho miúdo, rejuvenescendo e alegrando uma rua triste.

Escrevi-o pensando na geração a que eu pertences e naquela a que pertences tu, tam próximas no tempo, tam diferentes na essência.

Há, do meu nascimento ao teu, a diferença insignificante dos quinze anos despreocupados que são a tua vida tóda.

E há, da tua forma de sentir e exprimir o sentimento, àquela que deveria ser a minha se eu me deixasse prender pelo que me ensinaram, uma diferença de séculos.

Estou a conversar contigo serenamente, sem fazer literatura nem pensar em compor frases bonitas. Isto que tu lês é como se fósse uma conversa que tivéssemos, ambos deitados na areia fina da praia. Por isso começo por te dizer que eu, pela parte que me toca, fui educado como tu, com liberdade de pensar e sentir, direito a ter os meus desejos, os meus prazeres, as minhas opiniões. Mas eu era uma excepção, rapariguinha frágil.

E sei da tristeza de muitas mocidades, sei de famílias onde se almoçava e jantava em silêncio, de filhos que não falavam sem que o pai lhes dirigisse a palavra, de raparigas que não chegavam à janela sem que a mamã viesse, primeiro, cuidadosa e disfarçada, espreitar por entre as cortinas se não andaria «moiro na costa».

Tu tens liberdade. Cantas se te apetece cantar, saltas e ris como um pássaro na primavera, és uma rapariga de quinze anos, com quinze anos mesmo. E nunca reparaste — não reparaste, com certeza! — no que o cinema contribuiu, muito mais que o desdobrar dos tempos, para te dar essa liberdade.

Ora pensa comigo. Pois não veio o cinema abrir aos teus olhos novos horizontes? Pois não te mostra a ti, e não vai, lentamente mas seguramente infiltrando no espirito de todos uma teoria de sinceridade, liberdade, desafôgo?

Vai. Lembra-te das comédias americanas, essas comédias passadas nas Universidades do outro lado do mar. Não te ensinam elas que podes ser camarada fiel dos teus amigos, aberta com eles como contigo própria? Não te dão elas uma lição de optimismo, alegria, saúde? Claro que dão.

E pensa se não foi ainda o cinema que te fez compreender tantas coisas que, ainda há poucos anos se mantinham

escondidas aos olhos das raparigas da tua idade como dogmas sagrados. O cinema disse-te que eras senhora do teu coração, que podias dá-lo a quem quisesses. Amanhã, quando o amor vier ter contigo a iluminar-te ou destroçar-te a vida, tu sabes que é o amor e não podes pensar que seja qualquer feitizaria.

Então amarás abertamente, alegremente, orgulhosamente. Viverás a tua vida sem vergonhas nem segredos, com coragem e sinceridade, usando de um direito que é teu e ninguém pode negar-te.

Em ti não haverá hipocrisias nem disfarces. Tu sabes, porque os filmes todos os dias te deram os meios de o saberes, que a vida é feita de alegria e tristeza, ilusão e desilusão, prazer e amargura. Mas sabes também que na dor como no prazer, desesperada ou contente, quanto maior seja a alegria que te exalta ou a angústia que te esmaga, tanto mais intensamente viverás a vida. E a vida, com todos os seus males e as suas tristezas, feita como é de pequeninas, ou grandes misérias, é a vida!

Rapariguinha frágil, de olhos cheios de sol, boina posta à banda, passinho miúdo e claro sorriso. Habitua-te a ver no cinema a tua arte, a arte dos que tem quinze anos como tu.

Tudo o que tu queiras, tudo o que deseje, no momento, a insatisfação da tua alma, ali o tens: a vida, tal qual é, cômica e trágica, cheia de ridículo e amargura ao mesmo tempo, seqüência baralhada de coisas nobres ou reles, misérias e esplendores; o amor, são como um fruto virgem ou repelente como um fruto podre; a alegria, a dor, a tristeza, a glória, o desalento, a ilusão, tudo ali passa ante os teus olhos, tudo ali está!

Tua alma precisa de sonho? Ali o tens: a pastorinha que desposa um rei, o pedinte a quem sai a sorte grande, o condenado à morte que está inocente, no último minuto.

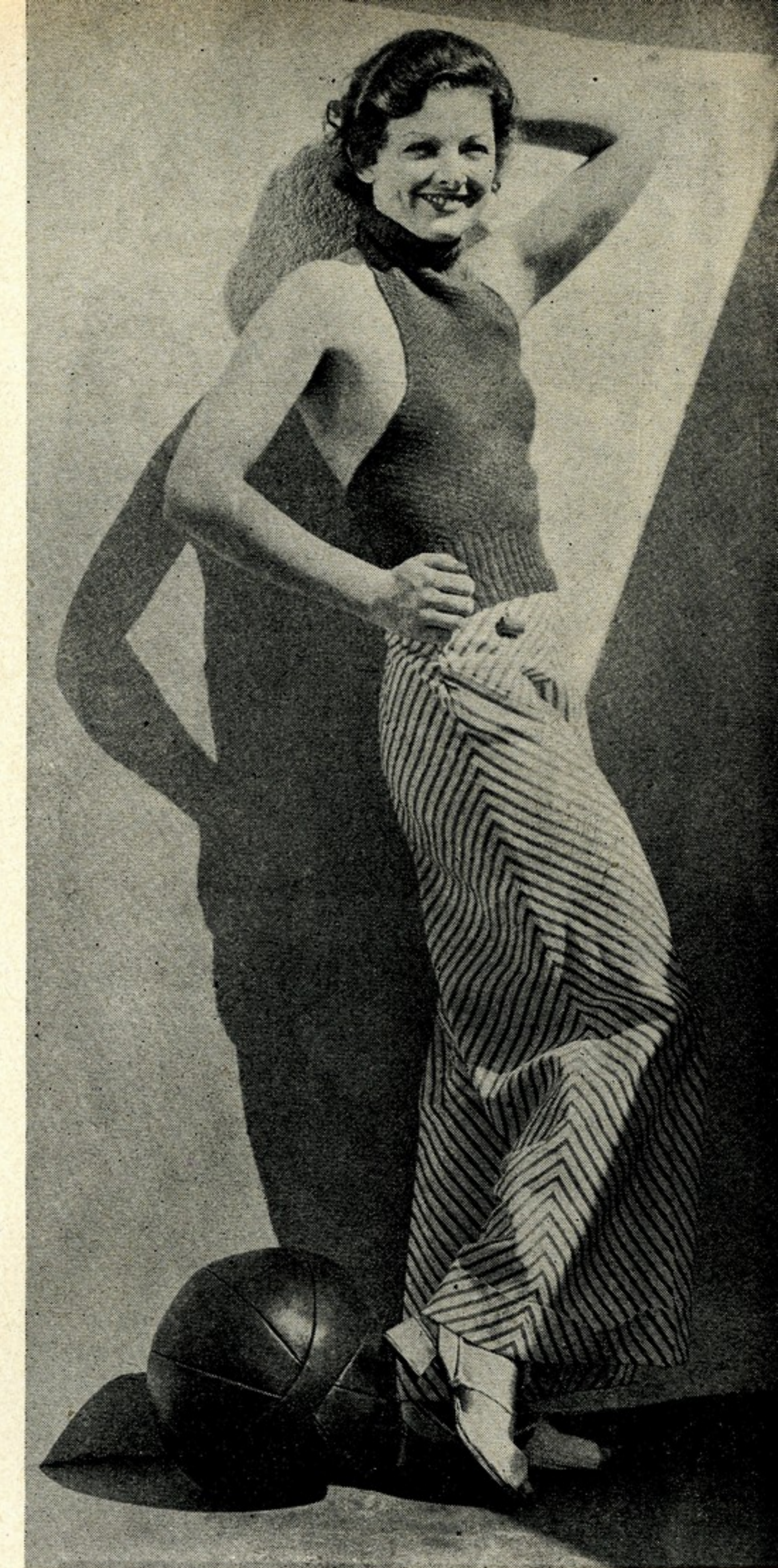
Sentes, dentro de ti, a ância da evasão? Ali a tens: teus olhos pairam sobre os pântanos da Índia, as florestas virgens da África, as neves imaculadas dos Alpes, as grandes capitais atropeladas e barulhentas, o mundo infinito e vário...

Sofres? Diante de teus olhos passam seres muito mais infelizes que tu, para quem a vida é muito mais madrasta que para ti.

Amas? Olha esses namorados de lenda, harmoniosos e jovens, belos como deuses e felizes como aves, e olha o cenário incomparável em que caminham, isolados no seu amor, sem verem o mar cristalino, ou as planícies florida, ou a montanha escarpada.

Um simples estalido, uma luz que se apaga, e tu ali tens, diante de ti, ao alcance quasi das tuas mãos, tudo o que desejas, tudo o que podes crer, tudo o que não podes, nem sequer, sonhar...

Por isso, o cinema, que nasceu contigo, é a tua arte. Por isso, o cinema que te ajudou a seres o que és, é a tua força. Por isso deves amá-lo e compre-



dê-lo, para além do primeiro almôço das estrélas e da roupa branca dos galãs, rapariguinha que tens quinze anos e os sabes ter, podes cantar, correr, chorar, conforme te apeteça, e um dia destes eu vi, alegrando uma rua triste com tua graça frágil, teus olhos luminosos, teu sorriso claro, teu passinho miúdo e tua boina à banda.

Armando Vieira Pinto





Mas, em Inglaterra, são também chamados «shorts» os complementos de programa: filmes culturais, actualidades, etc.

Daqui a cómica indignação dum jornal ilustrado de Londres contra o reclame dum grande cinema da capital inglesa. No seu cartaz mandou o gerente do citado cinema pintar as seguintes palavras *Mudança de shorts em todas as sessões.*

Evidentemente o homenzinho refe-

Notícias

Desenhos animados a côres e em relêvo

J. C. Graham, director do ramo inglês da Paramount, anunciou que Max Fleisher, o conhecido realizador de desenhos animados, tinha aperfeiçoado um novo sistema de côres, permitindo dar a ilusão de relêvo. O processo é gráfico e não fotográfico. É o desenho que dá a ilusão de relêvo graças a um habilidoso emprêgo das côres.

O clero americano contra Will Hays

O clero americano que está conduzindo uma ardente campanha em favor do que considera a moralização do cinema, parece querer exigir agora a retirada de Will Hays, Presidente da Motion Pictures Producers and Distributor of America que agrupa, como se sabe, as maiores companhias de produção dos Estados Unidos.

Lilian Harvey continua na Fox-Film

Ao contrário do que algumas revistas anunciaram Lilian Harvey parece não estar resolvida a deixar a Fox-Film.

Lilian Harvey está contratada para interpretar mais três filmes dos quais *Serenade* já está em vias de realização.

Uma curiosa complicação

A palavra inglesa «short», significa, como se sabe, os pequenos calções que usam os jogadores de foot-ball e ultimamente, os azes internacionais do tennis.

ria-se à mudança do complemento.

Mas o jornal a que acima nos referimos, dando à palavra «shorts» o significado de «calções» deplorava indignadamente que essa mudança que classificava de absolutamente «shocking» se não passasse atrás do écran, salvaguardando assim o conhecido pudor dos ingleses.

Tem, ou não tem graça?

O regresso de Charles Boyer

Charles Boyer que terminou o seu contrato com a Fox-Film, de Hollywood, acaba de ser contratado em exclusividade pela Sociedade Pathé-Natan, de Paris. Dois cenários estão já prontos para o célebre comediante que em Portugal conta uma tam grande e tam fervorosa côrte de admiradores.

Juventude de Greta Garbo

Não se trata de uma biografia, mas sim do título de um filme que, ao que parece, tem desencadeado uma verdadeira tempestade em Hollywood.

Um jovem cineasta sueco, chamado Léonard Clairmont, teve a engenhosa ideia de compor um filme sobre a juventude e a vida obscura de Greta Garbo antes de conquistar a celebridade do écran.

Léonard Clairmont filmou a casa onde a artista nasceu, a escola que freqüentou, e o cabeleireiro onde esteve empregada quando ainda se chamava M.^{lle} Gustafson. O filme comporta ainda várias passagens extraídas das primeiras produções suecas nas quais Greta Garbo fez a sua aprendi-

zagem de estrêla. Finalmente, mostra a artista em Hollywood, durante o seu trabalho e na vida privada.

Esta biografia filmada, que foi apresentada em Hollywood pelo seu autor, irritou profundamente Greta Garbo. A grande Artista pretende opôr-se por todos os meios jurídicos à exploração comercial do filme da sua vida. A' Metro-Goldwin-Mayer, para quem ela trabalha actualmente, ofereceu uma plataforma amigável ao produtor. Contra a destruição do seu filme êste receberia a bonita soma de 300.000 francos, ou seja, aproximadamente 450 contos da nossa moeda.

A proposta, porém, não foi aceite, porque o autor do filme espera ganhar muitíssimo mais do que isso com a exploração de «A Juventude de Greta Garbo».

Fitas para a próxima época

Entre os filmes que sabemos serem apresentados em Portugal na próxima época, avultam os exclusivos da Sonoro-Filmes, produção Artistas Unidos, que enumeramos «O Capitão Sorrel» com

Douro, faina fluvial

O maravilhoso documentário de Manoel de Oliveira e António Mendes que merecera da crítica estrangeira os mais rasgados elogios foi definitivamente consagrado pelo público, na noite da sua estreia, com uma vibrante salva de palmas.

Parece, porém que quem tinha razão não eram os críticos nem o público.

O filme não passaria de um pastelão com pretenções a vanguardismos intelectuais, no dizer de certo actor do Teatro da Exposição.

Ora, das duas uma: ou é imbecil o público que aplaudiu o «Douro» e é o mesmo, exactamente, que aplaude o actor em questão, ou é imbecil o citado actor auto-armado em crítico de coisas que não atinge nem entende.

Sabemos perfeitamente que as obras de arte nada têm a perder com a opinião mesquinha de todos os «simples», que pesem 10 quilos quer pesem 100, como no caso presente.

Mas não pense o sapateiro em tocar

COMENTÁRIOS

H. B. Warner, Margot Graham e Hugh Williams. «O Capitão Sorrel» um dos bons filmes mudos que temos visto, é desempenhado, na versão sonora, pelo seu antigo protagonista.

«A volta ao mundo em 80 minutos» com Douglas Fairbanks; «Escândalos Romanos» com o impagável Eddie Cantor; «Mulher Galante» com Ann Harding e Clive Brook; «Nana» com Anna Sten; «A vida privada de D. João» com Douglas Fairbanks; «Vivamos outra vez» com Ann Harding e Fredric March.

Um filme de King Vidor «Pão nosso de cada dia» com Karen Morley e Tom Keene. Dois filmes com George Arlis, o grande intérprete de «Casa Rotichild»: «O último cavalheiro», e «O Cardeal de Richelieu».

A Batalha

«A Batalha» o grande filme francês extraído do célebre romance de Farrère «La Bataille» e interpretado por Charles Boyer e Annabella, foi também adquirido para o nosso país pela Sonoro-Filmes.

MOVIMENTO abraça o nosso amigo Fernando Santos. A lista de produções a apresentar por aquela firma distribuidora tem 99% probabilidades de ser de longe, a melhor.

rabecão, que dá mau resultado. Discuta o actor a que nos referimos coisas de culinária, se quiser. O seu físico bem alimentado dá-lhe borla e capêlo no assunto.

Ora, em coisas de arte não se meta. Para isso é necessário talento e sensibilidade, qualidades que o simpático rapaz não possui, ou, se possui, disfarça à maravilha. Emagreça e apareça, amigo!

A obra de Lyautey e o cinema

No momento em que tôda a França chora a morte de Lyautey «O Grande Marroquino» prepara-se o cinema francês para render, piedosamente, homenagens à sua obra, filmando um dos episódios mais dramáticos da tremenda luta que foi necessário travar para a pacificação de Marrocos.

Os elementos foram fornecidos pelos escritores Maurice Le Gray e Georges Duvernois, para os quais Marrocos não tem segredos, encarregados de permitir a Jean Benoît-Léon a reconstituição fiel do drama dos combates heroicos de Moha-ou-Hamou, grande chefe dos Zaïauer, que foi o mais temível adversário do grande Marechal.

Esta evocação, chamar-se-á «Itto» tendo terminado já as filmagens.

G A D O B R A V O

E DOURO, FAINA FLUVIAL

Sob determinados pontos de vista — e já explico porque faço esta restrição — «Gado Bravo» agradou-me francamente. É obra equilibrada, de boa técnica, limpa, asseada, agradável, bonita, apresentando na sua construção uma desenvoltura e um desempenho que não estava acostumado a ver em anteriores filmes portugueses, a maior parte dos quais arrastando aleijões de variada espécie ou disfarçando mal, na melhor das hipóteses, um ar de penúria ou de trabalho de amadores. Não procurando no filme mais do que aquilo que ele nos quer dar, ninguém poderá deixar de lhe atribuir o valor de bom espectáculo cinematográfico, movimentado, aprazível e variado, ao qual a beleza incomparável de muitos quadros chega quasi a criar momentos de grandiosidade como poucas vezes se encontram em filmes estrangeiros.

O mal — porque o há e eis o motivo da restrição que fiz logo de entrada — não está pois no aspecto geral e exterior do filme. Está na raiz. Reside na frágil banalidade do argumento. Quasi não existe um conflito, a bem dizer. A história está apenas apontada, apontada superficialissimamente e a tal ponto que o mais pequeno episódio acessório a apaga por completo freqüentes vezes. E isto é tanto mais de lamentar quanto é certo que a grandiosa beleza de algumas cenas perde-se inutilmente por não ter atrás de si mais do que um motivo banal tratado pela rama.

De resto, suponho que ao fazerem «Gado Bravo» não houve a pretensão de ir mais longe, em profundidade. Cuidou-se apenas de fazer bonito, de agradar a tóda a gente, oferecendo, ao de leve, de tudo um pouco. Foi acertado? Parece-me que não. O episódio dramático do final, por exemplo, é forçado e era desnecessário. Pretendeu-se, suponho, criar um ambiente de maior ansiedade e de maior interesse à volta da tourada, momento decisivo em que «Manuel Garrido» jogava a sua carreira, a sua felicidade e a sua vida. Mas o lance falhou e o fim em vista não creio ter sido atingido.

Não queiramos, porém, procurar em «Gado Bravo» a satisfação completa daquilo que ambicionamos ver em filmes portugueses. Aceitemos as coisas como elas vêm... que desta vez já não vêm nada mal. «Gado Bravo» é um filme sem problemas, sem finalidades e sem conseqüências. Mas como tal e entre a produção cinematográfica de todo o mundo, ainda excede sem dificuldade a média dos valores na escala porque as podemos classificar. E excede porque, se os defeitos apontados pesam na balança do «juulgamento», há muitos outros factores que também contam — e a favor. E isto já é uma vitória.

A fotografia, devida a Heinrich Gartner, é lindíssima. Só em alguns filmes russos e em poucos outros filmes de procedência diversa, tenho encontrado quadros de exterior captados com maior largueza e mais vasta imponência.

As canções, os tangos, todo o comentário musical deixou-me igualmente a melhor e a mais agradável das impressões. Hans May é um nome conhecido que já não precisa de elogios. Mas Freitas Branco é justamente merecedor de uma parte bem grande dos aplausos que se possam tributar a «Gado Bravo».

O desempenho pareceu-me equilibrado, sem grandes deficiências. Um ou outro, falha um bocadinho, perde a naturalidade, sobretudo Nita Brandão na cena com Oly Gebauer e Artur Duarte sempre que não pode evitar o ar enfatuado que deve ter trazido do teatro. Mas o Raul de Carvalho vai bem quasi sempre, com natural sobriedade, com brilho, mesmo, numa ou duas cenas. Mariana Alves, essa sim, é uma vocação. Dá gosto vê-la no écran, tão natural, tão à vontade! Oly Gebauer tem uma figura mal definida mas actuou com segurança. E é sobre-

tudo um excelente elemento decorativo... O Siegfried Arno tem pilhas de graça e a ele se deve grande parte do agrado que o filme está colhendo. Na primeira metade, sobretudo, onde há meia dúzia de «gags» magníficos, Siegfried Arno impera nitidamente.

Cenas de conjunto bem dirigidas. Excelente realização e boa montagem. Som defeituoso.

Lopes Ribeiro — a quem o auxilio de Max Nossek deve ter sido bastante útil — é bem digno de parabens, a-pesar-do que as minhas palavras possam encerrar de desfavorável para o seu filme. «Gado Bravo» não tem sumo, mas representa um grande esforço e é um espectáculo decente, lavado e apresentável em qualquer parte do mundo.

E isto, em Portugal, é a primeira vez que acontece.

«Douro, Faina Fluvial» é um documentário puro da rija actividade que se desenrola dia a dia na marginal do nosso rio, desde o Cabedelo à Ponte, com sua gente: fauna própria, que só do rio vive, afanosa e simples, vergada sob o peso dum trabalho violento que reparte por igual com o animal e a máquina. Note-se, porém, que a palavra documentário não exclue a palavra arte. «Desse mesmo motivo, o Douro e a sua faina, com os elementos de que Manoel de Oliveira se serviu, escrevia há tempos Casais Monteiro, podiam fazer-se dois filmes. Um baço, incaracterístico, feito de séries de imagens: uns metros para o ambiente, uns metros para a vida dos trabalhadores, uns metros para o trabalho. O outro — e foi esse que Manoel de Oliveira soube realizar — cheio de contrastes e de vida.» O primeiro seria apenas um filme sem classificação, visto não estar ainda adoptado o palavrão «bilhetepostalilustradografia». O segundo, devido a uma montagem primorosa, inteligente e segura, resultou *cinema* e cinema do melhor, o que equivale a dizer arte. Em cinema, as imagens são como as palavras em literatura, bonitas ou feias por si só nada valem. E com a montagem que começa para o realizador o trabalho do ritmo e do estilo. «A filmagem e a «mise-en-scène», quando a há, fornecem matéria para a montagem. Mas é esta que decide em última instância. Medir o valor justo e útil de cada fragmento de filme, quer dizer de cada imagem ou grupos de imagens, sem deixar lacunas ou cair em atrasos, ai está o génio do realizador». Da justa medida de cada fragmento e da combinação desses fragmentos dando-lhes um sentido, uma intenção e um significado, é que resulta o valor como arte. E o que é a arte? Na definição de Levinson é a seleção dos dados que nos oferece a natureza — côres, volumes, emoções ou sons — e o seu equilibrado e harmonioso *reagrupamento* segundo uma ordem arbitrária».

Em «Douro Faina Fluvial» o homem, o animal, a máquina e as coisas, em actividade ou em repouso, não nos são mostrados em série dentro do ambiente em que giram, mas em contrastes oferecidos pelas imagens, jogando em perfeito contraponto. E essas imagens, belas e vibrantes, chegam a dar ao filme, à parte o seu valor estético e humano, quasi um valor e uma intenção social, que não foi procurada bem sei, mas que nem por isso deixa de transparecer algumas vezes. Reparo, farei apenas um. O ritmo «sacadé» que apenas abranda ligeiramente na hora do repouso só muda no final, nessa maravilhosa e lenta descrição do cair da tarde. Ora a igualdade de ritmo em quasi todo o filme talvez o monotoneize um pouco...

Terminando, registro com surpresa o silêncio com que quasi toda imprensa recebeu «Douro, Faina Fluvial», o único filme de vanguarda português, o melhor filme até hoje realizado em Portugal.

Alves Costa

Vejam o que esta fotografia pode sugerir-vos.

Reparem nas duas raparigas, na idade indecisa em que os sentidos



despertam; notem o brilho suave do seu olhar perdido ao longe, o seu sorriso calmo e tam igual, o abandono em que repousam, uma à outra encostadas.

Que lhes parece: encantadora inocência, ou confusão dos sentimentos?

Com sessenta e três anos de idade, pois nasceu em Cobourg — Canadá — aos 9 de Novembro de 1871, acaba de falecer na América Marie Dressler, — uma grande artista.

Ela foi admirada e aplaudida pelo público que lhe reconheceu o talento privilegiado de comediante, e foi disputada pelas empresas, numa idade onde só raros logram alcançar estas posições de relêvo.

Tu, cinéfilo, deves-te curvar perante a memória desta mulher. Ela não tinha a beleza plástica de Joan Crawford, o mistério-sensual de Marlène, nem tinha o sex-appeal de Carol Lombard. Mas tinha mais talento do que estas três. Tu, cinéfilo, que a viste nos «Meus meninos» trabalhadeira, amorável, dedicada até ao heroísmo, — deves lembrar-te bem de essa figura de governanta quasi mãe, símbolo dum desinteresse sem limites.



PALAVRAS DE JUSTIÇA

Habitua-te, cinéfilo, a olhar para tudo quanto respire humanidade e beleza, não aquela beleza tam pouco duradoura que o tempo apaga como uma borracha de safar, mas para aquela beleza de alma e de coração que impera para além do tempo e para além da morte.

Marie Dressler não era exibicionista, não procurava fora do estúdio nem dentro d'ele atitudes capazes de a réclamar. Dentro da modéstia, da simplicidade soube impôr-se por um rial talento.

Tôda a vida dela foi norteadada neste princípio. Acolhia com verdadeiro prazer e admirava-se muitas vezes que a julgassem assim tão célebre. Certa vez interrogada por alguém se era feliz, respondeu: — «Porque não havia de ser? Tenho tudo quanto é possível desejar... até trabalho. Quantas mulheres da minha idade poderiam ter o trabalho que lhes apraz? Que mais poderia eu desejar?»

Nestas palavras, está tôda uma filosofia. Dir-se-ia que Marie Dressler soube com a própria exis-

tência interpretar, com aquela naturalidade tão peculiar ao seu feit'o e que era a base segura de todos os seus êxitos, a sua passagem nesta vida, o seu papel afinal.

Lembre-mos que em 1930-31 a Academy of Motion Picture Arts and Sciences concedeu o prêmio da melhor interpretação feminina da temporada a Marie Dressler pelo seu trabalho em «Min and Bill». E recordemos ainda que num concurso de popularidade celebrado ainda há pouco tempo ela obteve uma maioria esmagadora de votos sendo a pessoa mais estimada entre a colônia cinematográfica. Estes dois factos demonstram bem como Marie Dressler sabia ser artista e camarada. Que Marie Dressler viva na memória dos vivos — eis o nosso grito de saúde.

Português de Além-Mar:

Não te conheço e tu não me conheces. Mas uma coisa me autorisa a escrever-te: somos irmãos na raça e na saúde. Também estou, como tu, longe da nossa terra, daquele Portugal, nossos amores, todo coberto de fôlhas e de corações. Que importa que nos separem dêle distâncias diferentes, 21 dias de vapor ou 23 horas de combóio? Tu sabes, como eu, que, para haver saúde, basta a palavra longe... Que importa que eu volte para lá dentro de poucos dias e tu não saibas quando voltarás? A saúde não se mede em léguas nem em dias. É ou

CARTA

não é. E no coração dum português longe de Portugal — é sempre.

Não te sintas porisso inferior. Não dêis ouvidos a quem te disser — se alguém ousa dizer-to! — que a saúde é sentimento fora da moda, dum romantismo desusado e inútil, incompatível com o nosso tempo. Pelo contrário, vê nela a prova irrefutável da tua sensibilidade e do teu carácter, lealismo de ordem quási física que dia a dia podes controlar.

Partiste um dia, por tua vontade, a buscar longe da pátria a satisfação não sei de que ambições. Mas tenho a certeza de que na hora angustiada da partida, uma única ideia te dominava: a ideia de voltar. Não! Essa viagem longa, atribulada, não foi o fruto duma ingratidão, não foi uma traição de desertor! Partindo português, ias disposto a ser, fôsse onde fôsse, mais português ainda. Animava-te o mesmo espírito de descoberta e de conquista que empurrava para o mar os marinheiros teus ante-



passados. Ias erguer em terra alheia, com o teu trabalho, um padrão onde fulguraria, sob o teu nome honrado, o nome imperecível do teu país.

Encontrarias possivelmente mais conforto, mais civilização, campo mais vasto e mais fecundo para exercer a tua actividade. Mas tinhas a certeza que nada disso te faria esquecer as coisas que deixavas, sempre presentes no teu espírito, sempre vivas na tua memória, sempre lindas na tua saúde; a casinha caiada onde moraste, a árvore da frente, a rua estreita que ficava ao lado, o adro onde casaste e onde levaste o filho a baptisar... Atrás de ti ficava todo um mundo amável, onde corriam riachos de água pura e onde, à noite, se ouviam grilos e canções. Levá-va-lo nos olhos e nos ouvidos, retido com mais segurança que se o levasses em êchapas fotográficas e em discos de gramofone.

Cada linha, cada mancha, cada harmonia, cada ritmo, estavam indissolúvelmente ligados ao teu ser, gravados na tua

um português de além-mar

alma, com tamanha nitidez que os reconhecerias entre mil e em toda a parte. E tão grande é a tua ância constante de encontrar lembranças desse mundo, que beijas os postais onde ele te aparece, em quadros reduzidos, cobres de lágrimas as cartas onde ele te é descrito, em palavras de fé e de carinho — e abraçaste o costado do primeiro paquete português que tocou a terra onde estás.

O teu amor a Portugal é uma consolação e um exemplo. Merece que to paguem na mesma moeda. Os teus irmãos, não só não teem o direito de esquecer-te, como devem mandar-te todos os bálsamos que, sem a diminuir, entretenham a tua saúde. Porisso alguns se reuniram, se concertaram, e resolveram trabalhar durante um ano inteiro para que pudesse chegar junto de ti aquilo que mais desejavas. E dize lá se eles te podiam mandar alguma coisa de mais precioso que o vivo retrato de Portugal.

Sim! Portugal inteiro, com as suas paisagens, as suas cantigas, a sua gente, as suas paixões, as suas festas! Uma síntese animada desse cantinho sem par onde a terra, o céu, o mar, o sol teem mais cor, mais transparência e mais brilho. Um filme: Um filme português, onde se agitam silhuetas de que comprehendes cada palavra e cada gesto, que cantam as «modas» que te falam ao coração, e se ocupam das coisas que te dão prazer e que não tens aí: o fado, os cavalos e as touradas...

Um filme em cujo nome se adivinha toda a vida vibrante da campina. Um filme que tem por fundo principal o cenário incomparável do Ribatejo, a mais retintamente portuguesa província do sul.

«Gado Bravo».

És português. Nascestes em Portugal. Já viste um touro e sabes como é belo tudo aquilo que à sua vida de eleição se prende. A elegância, a força, a beleza, a bravura — tais são os dons desse animal inteligente, bem digno de nascer onde nascemos. Quer o encares tal qual como é ou como um símbolo, certamente te anima e te emociona, ateando no teu fôro íntimo aquele fogo casto e castiço que te fazia corar de prazer nas esperas e nas touradas.

Pois vais ver touros, Português de Além-Mar, e vais vê-los onde quer que estejas, tão bravos e tão fortes como na lezíria, dominando com os seus vultos imponentes toda uma história onde é questão de amor e de alegria, onde há ternura e violência, luar e sol, comédia e tragédia, guitarradas, descantes e jôgo de de pau. O cinema vai contar-te o romance de Manuel Garrido, cavaleiro português, idolo das praças de touros, e dos seus amores, ora felizes, ora infelizes, como todos os amores. Para to contar bem, houve o capricho de reunir em redor deste filme todos aqueles, que, pela sua dedicação à causa cinematográfica, como eu, ou pelo seu talento, como o poeta António Botto, o maestro Luís de Freitas Branco, os actores Raúl de Carvalho, Artur Duarte, Alberto Reis, Armando Machado, Mariana Alves e Nita Brandão, ou ainda pela sua competência, como os técnicos alemães que conosco colaboraram, asseguravam obra mais perfeita. H. Costa, o homem a quem Portugal fica devendo este novo arauto dos seus encantos, não poupou esforços, que muitos foram, nem dinheiro, que muito foi, para que nenhum português visse atraído no écran os objectos de seu orgulho e seu amor. Como ele, todos nós confiamos em que não foram baldadas as canseiras que «Gado Bravo» nos custou. E, como ele, só tivemos uma intenção: satisfazer com «Gado Bravo» as justas exigências dos portugueses que reclamavam um filme nacional que pudesse sofrer comparação, em todos os campos, com filmes estrangeiros.

Se tu, Português de Além-Mar, encontrares em «Gado Bravo» motivos de saudade, e saires do cinema mais possuido por essa imensa vontade de voltar que te atormenta desde que partiste — deste-nos o mais valioso prémio a que aspirávamos.

«Gado Bravo» foi feito em Portugal, por portugueses, para os portugueses de todo o mundo. «Gado Bravo», portanto, foi feito para ti.

António Lopes Ribeiro

Para se abraçar com
êste carinho e êste ar de
protecção amiga, é necessário
ir à América? Talvez não...
Qualquer de nós está pronto a
desempenhar com consciência e calor o
papél de Robert Montgomery. Simplesmente...
Simplesmente, para isso falta-nos a rapariga...



FORMIDÁVEL



É sobremaneira consolador o sucesso que tem obtido a inscrição para o nosso NÚMERO DE VERÃO.

Já pela quantidade de pessoas inscritas, já pela qualidade delas, sentimo-nos bem compensados do esforço dispendido em todo êste ano de vida de MOVIMENTO, e dos sacrifícios de tôda a ordem que nos tem custado o triunfo dêste excepcional NÚMERO DE VERÃO.

Queremos à nossa revista, nossa, de nós todos, como a filho querido e mimado; por isso nos alegra e compensa bem o carinho com que o público, mesmo aquele que pelo cinema pouco se interessa tem dispensado à nossa arrojada iniciativa.

Não sabemos de revista alguma que, feita como a nossa por um grupo de rapazes novos e livres, o que é mais, se tenha abalancado em tal idade a empresa de tal ordem. Tínhamos porém a íntima certeza de que trabalhando com sinceridade e dando ao público, como temos dado, o melhor do nosso esforço, com lealdade e com perseverança, êle não deixaria de correr ao nosso apelo.

Assim foi, e porque assim foi estamos contentes. E no novo ano, com o n.º 25 iniciado, mais calor, mais entusiasmo, mais vontade de bem servir nos acompanharão, se é possível, para darmos ao cinema e aos nossos leitores o melhor de nós próprios.

O prazo para as inscrições, que dia a dia aumentam, fecha impreteavelmente com a saída do presente número. A ordem dos nossos prêmios, distribuída pelas diferentes séries do NÚMERO DE VERÃO é como segue:

SÉRIE A:

- 1.º prémio, A casa com o necessário terreno.
- 2.º » Um aparelho de rádio.

SÉRIE B:

- 1.º prémio, Um automóvel FIAT, modelo Balila de luxo.
- 2.º » Um aparelho de filmar, AGFA-MOVEX.

SÉRIE C:

- 1.º prémio, Um piano de concêrto, marca Gustav Lutz.
- 2.º » Um cheque de dois mil e quinhentos escudos.

SÉRIE D:

- 1.º prémio, Uma mobília de sala de estar dos G. A. N.
- 2.º » Um fogão chapeado a alumínio com o respectivo trem de cozinha, da casa Tomaz Cardoso.

Prêmios, verdadeiramente magníficos, os prêmios do NÚMERO DE VERÃO de MOVIMENTO além do requintado bom gosto com que foram escolhidos, conseguem reunir o útil ao agradável.

Desde a casa, projecto do distinto architecto João Queirós, até qualquer dos outros prêmios, ninguém pode negar que tivemos o cuidado de os escolher nas casas que, em cada especialidade, maior renome tem sabido alcançar para as suas marcas.

O plano do sorteio, a publicar no próprio NÚMERO DE VERÃO, vai fazer com que durante uma semana cada qual sonhe com o prémio que mais o seduza...

NÚMERO DE VERÃO DA NOSSA REVISTA

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Sala de espera

A política nazista vai por água abaixo. E no que diz respeito ao cinema como nas outras coisas. Depois da subida de Hitler ao poder o cinema alemão sofreu rude reforma. Realizadores, artistas, cenaristas, decoradores e técnicos, que não eram alemães puros, foram corridos, escoraçoados. E um programa oficial foi traçado a fim de orientar a nova produção cinematográfica. Mas as coisas parece que vão correndo mal. Os filmes sem tendências baixaram consideravelmente de nível artístico... e os filmes de propaganda nazista não conseguem abrir caminho fora da Alemanha. Primeiro foi na França e na Bélgica que a reacção contra esses filmes se manifestou. Agora é no Brasil que igual facto se dá. Num telegrama datado de S. Paulo noticiaram os jornais: «Durante as primeiras representações dum filme de propaganda nazista, o público manifestou-se violentamente, soltando gritos hostis contra Hitler e o regime nazi. O filme foi retirado imediatamente do programa».

Vem talvez agora a propósito lembrar que já há tempos, as «actualidades» que inseriam discursos de Hitler ou focavam acontecimentos em que o Fueher figurava, foram pateados no cinema «S. João», o que levou a gerência desse cinema a pedir a exclusão de todos os fragmentos em que Hitler apparecesse...

Expediente

MAGALI—Não sei que lhe faça minha boa amiga. As datas que fomos anunciando para a estreia de «Gado Bravo» foram-nos transmitidas pelo Bloco H. da Costa. Se o filme ainda não se estreou a culpa não é nossa nem nada temos com isso. Esteja com atenção nos filmes que o Olímpia levar durante o verão. Ficaram alguns filmes de valor por exhibir no Pôrto e é muito possível que passem lá. Peço-lhe mil desculpas pela minha indiscreção. Não foi por mal, acredite. Parece-me que os números que deseja estão esgotados. Peça-os, todavia, à Administração. No caso de já não haver nenhum deles talvez algum leitor queira vender-lhos. Continue a escrever-me e não esteja assim zangadinha.

PRINCESA DESDENTADA—Tenho muita pena mas não respondo a cartas como a sua. A menina não tem mais que fazer?...

MADGE—Transmitirei a sua carta logo que receba a direcção do «Príncipe de Gales».

JANET—Sobre o «Número de Verão» de «Movimento» queira dar-se ao incómodo de ler o que tem sido publicado nesta revista desde o número 18 para cá. Está lá tudo muito bem explicadinho. Basta pagar 7\$50 para se habilitar ao sorteio duma casa, dum automóvel, dum piano, duma mobília, dum fogão, dum aparelho de filmar, etc.

J. A. DE A. ALVES—Ficamos muito sensibilizados com a sua primeira carta. Mas a segunda deixou-nos desconcertados... Faça como entender.

CINEMANIACO—Farei a comunicação que deseja. E natural que receba bastantes pedidos porque tem sido grande o número de cartas que aqui recebemos pedindo os primeiros números de «Movimento».

CINÉFILA LISBOETA—Já lhe foram remetidas duas cartas que aqui tinha para si. Recebeu-as?

CHARLES BOYER—Se você começa mais alguma carta alegando que não tem escrito com medo de ser maçador... corto relações consigo. O próximo filme da Tobis será «As Pupilas do Sr. Reitor». Como já deve saber foi Leitão de Barros o escolhido para o cargo de realizador. O que essa pessoa, a quem se refere na sua carta, disse de Fernando Barros, é absolutamente falso. Pelos vistos, o homem, ainda por cima, é mentiroso. Isso das conferências, como alvitra, seria realmente muito interessante se fosse viável. O nosso publico cinéfilo não é para essas coisas, infelizmente. A página de elucidação cinematográfica, que publicamos mais ou menos mensalmente, deve satisfazer, em parte, os seus desejos. É possível que as «Crónicas da Quinzena» voltem a apparecer. Vieira Pinto e Alves Costa agradecem penhorados as suas palavras de simpatia e de encitamento.

CANDIDO F. F. SOUSA—Logo que receba a direcção de «Cinéfila Lisboaeta» enviar-lhe-ei a sua carta. Continuamos a publicar mais ou menos regularmente uma página de poesia. Não me incomodou absolutamente nada; pode mesmo continuar a escrever-me.

FRANCÉLIO—Você, pedindo-me que faça tantas comunicações aos leitores de «Movimento», devia ter começado por me dizer a sua direcção para que os interessados podessem pôr-se em contacto consigo. Desde meados do mês passado que temos agente nessa localidade. No caso de querer inscrever-se para o «Número de Verão» ou adquirir regularmente a nossa revista pode dirigir-se aí ao Ex.^{mo} Sr. Amílcar Amador, Caixa Geral dos Depósitos.

CARLOS GOMES TEIXEIRA—Juntamente com a sua carta a perguntar-me o que era feito de Laura La Plante, recebi um boletim de informações onde vinha anunciado o casamento dessa artista com o realizador Irving Asher. A cerimónia teve lugar em Paris onde Laura La Plante ainda se encontra à data em que lhe escrevo.

CINÉFILO MADEIRENSE—Obrigado pela sua amabilidade. Perdoe não lhe responder particularmente. Tem graça que você é o terceiro que me apparece nesta quinzena pedindo uma resposta particular... Não sei quando será estreado na Madeira o filme «Gado Bravo». «O Pecado de Madelon Claudet» é interpretado por Helen Hayes, Lewis Stone, Neil Hamilton, Jean Hersholt, Karen Morley e Marie Prevost.

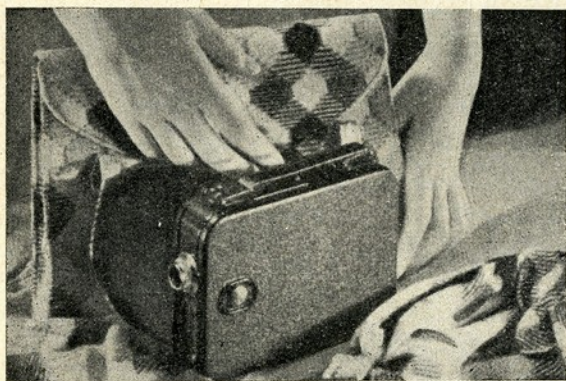
CURIOSO—Jean Murat e Annabella já regressaram a Paris, vindos de Hollywood. Verá possivelmente o último filme de René Clair e o último filme de Fritz Lang na próxima temporada. No momento em que lhe escrevo ainda não sei quem serão os intérpretes de «As Pupilas do Sr. Reitor». É provável que o Bloco H. da Costa continue produzindo filmes logo que a exploração do «Gado Bravo» esteja bem encaminhada.

Apartado n.º 13

PRÍNCIPE DE GALES... tem aqui uma carta que lhe será enviada logo que me indique o seu nome e a sua morada.

J. VICENTE J.^{or} (Rua do Alportel, 67, Faro...) vende os n.ºs 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 9 de «Movimento» pelo preço de 5\$00 cada; e vende a colecção desta revista (exceptuando os n.ºs 1 e 8) pelo preço de 40\$00.

*Visar... premir
um botão... e se-
rão vossas para
sempre as mais
belas horas de
felicidade*



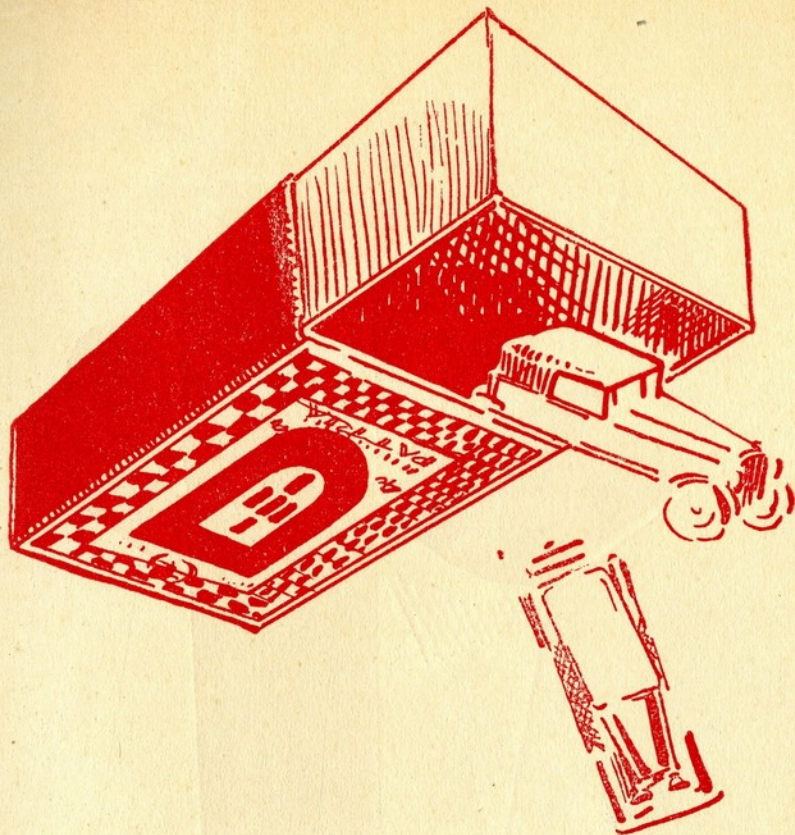
Todos os que amam
a VIDA, podem obter
imagens VIVAS com
um

*Elegante e leve, a-pesar-da sua solidez, o
Cine «Kodak» Oito pode ser transportado
numa mala de senhora ou na algibeira
dum casaco*

CINE "KODAK" OITO

*o aparelho de cinematografia de amator que, graças a um novo processo de
Kodak, reduz a menos de metade o gasto da película. Peça informações nas
boas casas da especialidade.*

KODAK LTD.—RUA GARRETT, 33—LISBOA

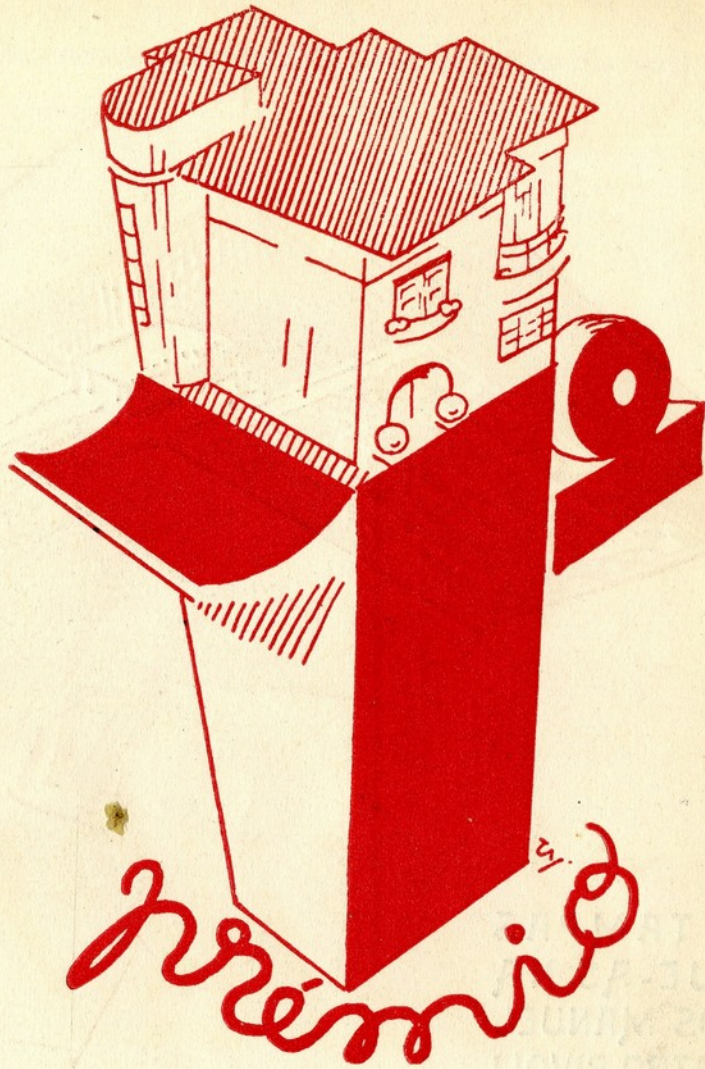


JUNTE 100 TAMPAS
E ENTREGUE-AS NA
R. DE PASSOS MANUEL
JUNTO AO THEATRO RIVOLI

FIÇARÁ HABILITADO AO
SORTEIO, PELA LOTARIA
DO NATAL DE 1934

DE, À SUA ESCOLHA
2 AUTOMÓVEIS OU
45 CONTOS DE COM-
PRAS NO GRANDELA

GRANDE CONCURSO DOS FÓSFOROS PÁTRIA
NACIONAL, DOMÉSTICOS, SEVERA, ÁGUIA, VOLCANO, MONDEGO, IMPERIAIS



DO NOSSO NÚMERO DE VERÃO

Inscreva-se por 7\$50 em qualquer tabacaria

CAPA, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DA
IMPRESA PORTUGUESA
103, RUA FORMOSA, 116 — PÓRTO